

A serviço de uma causa:

a hagiografia minorita como uma comunidade emocional e a construção de uma normativa acerca do dinheiro e da pobreza.

*Douglas de Freitas Almeida Martins*¹

Resumo: O universo temático referente à Ordem Minorita é amplo. A importância computada historicamente aos franciscanos como um dos movimentos espirituais, culturais e sociais de maior difusão e transcendência na História da Igreja e da espiritualidade explica a abundância do material produzido sobre este tema. Francisco, líder e fundador do movimento e que posteriormente configurou-se enquanto uma ordem religiosa foi investigado e analisado no decorrer das últimas décadas, tendo sua vida e obra revisitada por historiadores que se debruçaram sob os seus mais diferentes aspectos. No entanto, um ponto é pouco explorado: os modos de sentir dos frades minoritas. Esse artigo tem por objetivo problematizar a Ordem enquanto uma comunidade emocional, no qual as emoções compuseram um eixo fundamental capaz de orientar “corpos e reger as almas” e atuar como um instrumento político a serviço dos frades.

Palavras-chave: Frades Menores; Hagiografia; Emoções; Política; Dinheiro

Abstract: The thematic universe regarding the Minorite Order is wide. The importance computed historically to Franciscans as one of the most widespread and transcendent spiritual, cultural and social movements in the history of the Church and spirituality explains the abundance of material produced on this topic. Francisco, leader and founder of the movement and who later became a religious order has been investigated and analyzed over the past few decades, having his life and work revisited by historians who have looked into its most different aspects. However, one point is little explored: the ways of feeling of the minority friars. This article aims to problematize the Order as an emotional community, in which emotions formed a fundamental axis capable of guiding “bodies and governing souls” and acting as a political instrument at the service of the friars.

Keywords: Friars Minor; Hagiography; Emotions; Politics; Money

In the service of a cause: minority hagiography as an emotional community and the construction of a norm about money and poverty.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT). E-mail: dougfreytas1@hotmail.com.

Palavras iniciais

Muito foi produzido nas últimas décadas a respeito da Ordem dos Frades Menores. Desde o século XIX, quando um estudioso de formação clerical e interessado nos estudos da História, chamado Paul Sabatier, publicou a primeira biografia moderna de Francisco de Assis, muito foi produzido no âmbito acadêmico a respeito dos frades minoritas.

Tais estudos exploram as mais diversas características do movimento minorita bem como a teia de relações que o mesmo estabeleceu com os mais diversos espaços de poder naquele contexto, seja o papado ou as cidades, fazendo jus a citação do teólogo Daniel de Pablo Maroto:

Retém como óbvio historicamente que o movimento espiritual dos “frades”, os mendicantes, nas primeiras décadas do século XIII, constitui uma verdadeira revolução religiosa como resposta as necessidades pastorais da Igreja em plenitude de seus poderes, especialmente durante o pontificado de Inocêncio III (1198-1216) (MAROTO, 2000, p. 17-18).

A importância computada historicamente aos franciscanos como um dos movimentos espirituais, culturais e sociais de maior difusão e transcendência na história da igreja e da espiritualidade explica a abundância do material produzido sobre este tema. No entanto, é válido afirmar que esse complexo quebra cabeça que é a realidade pretérita muito carece de ser explorada. As formas de sentir dos agentes históricos apenas muito recentemente tem recebido atenção dos historiadores. Esse aspecto, em especial, acredito ser fundamental para que possamos compreender as dinâmicas de poder e de sociabilidade no qual se inseriram.

A hipótese pela qual irei guiar o presente artigo baseia-se na ideia de que a Ordem dos Frades Menores se estruturou no decorrer dos seus primeiros 50 anos de existência enquanto uma comunidade emocional, tendo Francisco de Assis, o personagem central pelo qual os minoritas articularam princípios fundamentais para gestarem uma representação política no contexto citadino da península itálica do século XIII. O eixo fundamental de minha argumentação reside na ideia de que a imagem de Francisco, bem como suas ações, gestos e ideias são construções que atendem a determinadas finalidades.

A escolha por não optar por termos consagrados pela historiografia² temática e hoje ditos como clássicos, como a palavra institucionalização para se referir aos processos políticos

² A historiografia temática a respeito da Ordem dos Frades Menores é fecunda. Diversos estudos que versam a respeito dos mais variados aspectos ligados aos frades minoritas foram produzidos desde a obra inaugural do campo temático e que foi escrita por Paul Sabatier ainda no século XIX. Um grupo de historiadores foi

e sociais pelo qual a Ordem dos Frades Menores enfrentou após a morte de seu líder não tem por finalidade fazer tabula rasa das análises dos historiadores nas últimas décadas do século XX. A minha proposta é partir de outro olhar, e outra perspectiva, que é suficientemente, acredito, pouco explorada pelos historiadores: os modos de sentir dos agentes históricos, no caso, os frades minoritas.

Mas isso é ainda um tanto quanto vago. O que significa privilegiar aspectos ligados à sensibilidade? É possível aprender tais modos e dispô-los em uma narrativa inteligível que cumpra a finalidade de explicar/compreender o passado? Existem formas de análise que tornem operacional os sentimentos e, sobretudo, emoções? No decorrer

O objetivo do presente artigo é tecer uma trama explicativa dos primeiros anos da Ordem sem a presença de seu líder e em um contexto marcado pela expansão e dinamização da comunidade formada décadas antes. Forçada a enfrentar problemas internos – como a admissão de membros oriundos das mais diversas camadas sociais em suas fileiras – e questões importantes que definiriam os rumos que iria trilhar nas décadas seguintes – sobretudo a relação com o papado romano – os frades orientaram suas ações tendo o registro das emoções nos textos hagiográficos como um guia. Em outras palavras, advogo a necessidade de tratar a emoção como um elemento que possui uma capacidade micropolítica capaz de dramatizar/alterar/reforçar as dimensões macrossocial em que os frades vivenciam.

Os veículos de transmissão desse *status* da Ordem foram às hagiografias. Os textos de caráter santoral foram redigidos, dentre outras finalidades, para formularem referenciais emocionais que cumpram determinados propósitos. Portanto, defendo a necessidade de olhar para tais textos não como meros repositórios de crenças e valores ditos como ilógicos, mas sim como narrativas capazes de proporem práticas e conferirem sentidos.

Hagiografia: um exercício retórico a serviço de uma causa.

O primeiro ponto é definir mais precisamente o que é o gênero documental de minha análise e para tanto, é importante responder a duas perguntas cruciais: o que é um texto hagiográfico? E como se estrutura?

Uma observação, no entanto, é imprescindível antes de continuarmos. As hagiografias não permitem compor um quadro do que é a Ordem Minorita. E isso ocorre, por um motivo: tais textos não têm por finalidade dar conta de todo o universo dos frades menores. As

diretamente influenciados pela obra de Sabatier e produziram livros que versam sobre a vida e a obra de Francisco de Assis. Tal grupo reúne nomes como Jacques Le Goff, Chiara Frugoni, Grado Merlo, dentre outros.

hagiografias são narrativas escritas que podem ser escritas tendo como destaque um único personagem: no caso, a vida e a obra de Francisco de Assis, de seu nascimento, a sua conversão, primeiras pregações, fundação do movimento e por fim, de sua morte. Não é a história da Ordem. É um instrumento a serviço da Ordem.

Em relação à vida de Francisco, todavia, tal recuperação adquiriria uma urgência e um significado totalmente específicos e particulares, na medida em que a Ordem, que da sua obra era o fruto mais visível, não podia deixar de continuar a se referir a ele como o próprio inspirador, como o santo que qualquer frade deveria mirar como o seu próprio modelo ideal (MICCOLI, 2015, p. 187-188).

O termo hagiografia é de origem grega e passou a comportar ao longo dos séculos duas acepções que se complementam: na primeira delas, o termo designa os escritos relativos à vida e a obra de santos; a partir do século XVII, no entanto, outro significado passou a ganhar destaque, designando o estudo crítico dos diferentes aspectos ligados tanto ao culto dos santos, como a temáticas centrais da santidade. Portanto, em um primeiro momento, uma possível resposta para a pergunta: o que é uma hagiografia? seria trata-la enquanto a própria narrativa contendo passagens, feitos e milagres da vida de alguém tido como santo (a). E com o passar dos séculos, o termo passou a designar os métodos e análises desses textos. Pertencendo ao gênero literário até o século XVII, passaria depois a incorporar as preocupações despertadas na ciência historiográfica do tempo (MASSAUD, 2004, p. 37).

A hagiografia não é, exatamente, uma biografia, ao menos não no sentido moderno do termo: a narrativa hagiografia não possui por objetivo, narrar os acontecimentos reais da vida de um personagem e conferir-lhes uma unidade individual, muitas vezes cindida com o mundo ao redor do protagonista da narrativa. Um hagiógrafo não movia a escrita de seu trabalho pelo objetivo de tecer uma recordação biográfica do santo, mas sim, de apresentá-lo como um modelo de conduta cristã, como se o mesmo fosse à encarnação de um modelo ético (HEAD, 2020). É importante atentar-se para essa ideia: a relação que se estabelece entre conduta ética e, portanto, comportamento moral. Uma vez que os dois são indissociáveis. Ao estabelecer uma hagiografia, aquele que a escreve visa estabelecer formas e modelos que visem produzir padrões de condutas tidas como moralmente perfeitas e, portanto, aceitáveis. Se adotarmos a definição proposta por Adolfo Sanchez Vasquez (VASQUEZ, 2007), de que a ética é a ciência responsável pelo estudo específico do comportamento humano, as hagiografias estão situadas, dessa forma, dentro do campo da reflexão ética, uma vez que

estabelece não apenas as condições, mas também os parâmetros de avaliação da moral, de sua natureza e de sua função.

Para Thomas Heffernan (1998), uma hagiografia tem uma finalidade distinta do que se propõe uma biografia. O mesmo prefere utilizar a expressão “biografias sagradas”, porém, acredito que esta escolha ainda mantenha uma confluência entre as definições. Se uma hagiografia é revestida de um significado diferente de uma biografia, qualificar a primeira com o adjetivo “sagrado” apenas a torna uma categoria dentro do gênero biográfico. Quero com isso demarcar uma separação se não radical, ao menos substancial entre os dois termos. Julgo que a linha de separação entre os dois termos resida na sua finalidade: enquanto para uma biografia, o interesse do autor é, sobretudo, narrar os fatos ou acontecimentos da vida de uma pessoa ou de um personagem, a narrativa hagiográfica, conforme nos indica Borbolla (2002), por mais que possa ser utilizada como fonte para o estudo do passado, apresenta ao pesquisador um texto dotado de outras finalidades, a saber: moralistas, dogmáticas, sermonísticas, etc.

Proponho, portanto, situar a hagiografia para além dessa comparação, fixando-a dentro do universo literário, como demonstra Claudia Rapp (2002, p. 63-81). Sendo assim, trato o texto hagiográfico muito mais próximo da ficção ou da arte, conforme nos aponta Hippolyte Delehay (2011). Mas note-se: situar a hagiografia como ficção não significa afirmar que a mesma é uma narrativa irreal e que, portanto, não se relacione de algum modo com o mundo material e palpável que o cerca. O termo ficção que é empregado nesse artigo segue as formulações teóricas de Michel de Certeau (2012). É claro que as análises de Certeau estão voltadas para a historiografia – enquanto estudo da escrita da história – e de sua produção, contudo, acredito que ao problematizar a construção daquilo que ele afirma como “real”, entendido como realidade objetivada, ele possa nos fornecer um caminho interessante: o “real” representado não corresponde ao real que determina sua produção. Quando se trata de uma hagiografia, o relato textual não visa apresentar a realidade, mas sim produzir um efeito sobre ela. Desse modo, a produção ficcional atende a um interesse: a instituição que autoriza e legitima a sua escrita.

Ser concebida como o “fruto da imaginação de um autor que usa de sua criatividade de escriba” ou “como exemplo claro de texto literário” (MAERKI, 2013, p. 18) não compromete o estudo do passado tendo como fontes a hagiografia. É preciso contextualizar suas produções e problematizar o sentido de suas escritas. Penso que a principal relevância de um texto hagiográfico seja o de registrar um universo de valores que são partilhados por certos grupos

sociais, para assim compreender no próprio processo histórico as forças que atuam de forma hegemônica, bem como os silêncios/apagamentos na elaboração dos registros escritos.

A vida de santo se inscreve na vida de um grupo, Igreja ou comunidade. Ela supõe que o grupo já tenha uma existência. Mas representa a consciência que ele tem de si mesmo, associando uma imagem a um lugar. Um produtor (mártir, santo patrono, fundador de uma Abadia, fundador de uma Ordem ou de uma Igreja, etc.) é referido a um sítio (o túmulo, a Igreja, o mosteiro, etc.) que assim se torna uma fundação, o produto e o signo de um advento (CERTEAU, 2008, p. 269).

As narrativas históricas não são mais consideradas reflexos da realidade social, ainda que essa realidade seja vista como uma das referências da construção desses textos. Deste modo, a ideia é precisamente essa: a narrativa hagiográfica cria um possível, não dizendo o que a realidade é, mas como pode ser. O seu foco é uma possibilidade e a sua capacidade de ser inteligível, ou seja, de produzir significados. “A narrativa não é mera sucessão de episódios dispersos e sim o encadeamento causal de eventos significativos” (RICOEUR, 2010, p. 70). Precisamos cada vez mais nos sensibilizar para o uso e a compreensão de textos literários – e a hagiografia é um deles – bem como seus recursos retóricos para estudar as dimensões do poder e a própria sociedade.

Qual a justificativa da escrita de uma hagiografia? Na maioria dos casos, elas servem antes à afirmação de certas máximas dotadas de autoridade moral, conforme nos aponta Isaia (2010, P. 17-42): “a escrita hagiográfica tem como justificativa atender a uma dimensão educacional e moral, saber o que os santos fizeram e poder seguir seu modelo”. A hagiografia, portanto, constitui um importante veículo capaz de mobilizar socialmente, uma vez que inspira um desejo de progresso moral e espiritual no ouvinte conforme atesta Marie-Céline Isaia, autora que define os hagiógrafos como “mestres da comunicação”. O discurso hagiográfico é eficaz, não só simbolicamente, mas socialmente.

No que concerne ao universo referente à Ordem dos Frades Menores, existe uma profusão de fontes documentais do gênero hagiográfico que foram escritas nas décadas que se seguem a morte de Francisco. Dessa ampla literatura temática gostaria de selecionar uma para a presente análise: a *Vita secunda*, redigida pelo frade Tomas de Celano.

Tomas de Celano, já havia sido encarregado em 1228 de redigir a *Prima Vita*, encomendada pelo papa Gregório IX, por ocasião da canonização de Francisco de Assis. Contudo, entre 1244 e 1247 o ministro geral da Ordem, Crescentius de Jessi, pediu que fosse

escrita uma nova *vita* que refletisse a evolução das perspectivas oficiais sobre o santo nas décadas seguintes à sua morte.

A escolha pela análise de tal obra ocorre por um motivo: a *Vita secunda*, é redigida dentro de um quadro institucional da Ordem marcado pelo crescimento, expansão, dinamização e conflitos dos ideais e princípios que norteavam a vida dos frades minoritas. Acredito que à medida que a comunidade primeira formada e idealizada por Francisco cresceu e se tornou mais complexa a partir do ingresso de novos membros e da adição de funções e atividades que não existiam primeiramente. A década de 1240 é crucial para que o ideal primeiro, gestado pelo santo de Assis, sobrevivesse, pois seu líder já não estava mais presente. A função da redação da hagiografia cumpre um papel fundamental e minha hipótese de trabalho está estruturada do seguinte modo: a narrativa hagiográfica configura numa espécie de “educação das pulsões emocionais” e uma orientação para os frades no interior das relações sociais.

A emoção a serviço de um ideal: a construção da comunidade emocional.

O que significa dizer que a Ordem dos Frades Menores ser organizaram como uma comunidade emocional? As hagiografias são os eixos pelo qual os frades estruturaram ideais que pautaram e orientaram suas ações na vida social, mas como as emoções são pensadas e conceituadas? É possível aprender as formas de sentir dos agentes históricos? Podem as emoções serem apreendidas e estudadas com rigor científico? Elas são passíveis de serem historicizadas, ou seja, de colocadas em perspectiva temporal? Elas mudam, permanecem inalteradas?

Existem inúmeros debates acadêmicos que tem por finalidade responder o que é uma emoção e qual a sua finalidade na vida biológica e social. A minha escolha está amparada na História Social das Emoções, mas também recorro à contribuição dessas outras áreas do conhecimento. Portanto, ao longo das próximas páginas tenho por objetivo conceituar e definir o que é uma emoção.

Para Rosenwein (2006), o historiador das emoções deve não apenas atentar para a emoção em si, mas para o seu produto social (discurso). Isso implica na ideia de emoção como uma espécie de âncora entre o signo e a o mundo. Amparado nessa ideia, concebo as emoções retratadas nas fontes hagiográficas aqui estudadas para além de simples manifestações biológicas. O que interessa é menos a emoção em si, mas sua expressão, seus

gestos, suas materializações, a partir de um movimento que visa, percorrer o caminho que vai do “real” narrado na hagiografia para a sua possibilidade de efeito na sociedade. A emoção dentro da História Social das Emoções é um constructo. Desse modo, ela é um produto social.

O meu interesse está em como essas mesmas emoções também poder ser produzidas e instrumentalizadas pelos grupos sociais, em especial a Ordem dos Frades Menores. Em outras palavras, contribuir para aquilo que quero identificar como sendo o caráter social das emoções. “As emoções não são elementos soltos, desligados e desorganizados, flutuando em nosso mundo mental e aparecendo de vez em quando isoladamente” (MALONOWSKI, 1973, p.149). O que proponho é pensar menos em termos biológicos e mais na capacidade que a relação – a saber, corpo e emoção – possui para criar determinadas finalidades sociológicas. “A redução da emoção a uma substância é grosseira e decorre da cegueira sobre uma infinidade de aspectos da dinâmica afetiva” (LE BRETON, 2019, P. 264). Tal concepção – um tanto quanto reducionista – anula toda a história social e cultural da humanidade. Afinal, “se esse aparato biológico e psíquico é uniforme, as percepções sobre ele não o são” (COELHO & REZENDE, 2011, p.13). A ênfase está no valor social que tem as emoções. “Os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem” (MALINOWSKI, 1973, p.149). Ou seja, em como elas são – ou podem ser – externalizadas ou até mesmo fabricadas e compartilhadas/vividas não individualmente, mas dentro de espaços socializados.

Convém se atentar a uma ideia importante: o fluxo emocional não é caótico. Considero que a expressão emocional constitui um sistema definido. Ele possui muita das vezes um sentido, um fim. A emoção na documentação minorita cumpre esse papel. A ideia é inspirada na obra *Sexo e repressão na sociedade selvagem* de Bronislaw Malinowski. Ao desprover o drama edipiano de seu caráter universal, Malinowski identifica que a instituição familiar patriarcal e a moral repressiva por parte da sociedade burguesa de fins do século XIX e início do século XX não podem ser taxados como universais e aplicados em toda e qualquer sociedade. O conceito usado como chave explicativa para as experiências históricas típicas da Europa daquele contexto, não são aplicáveis a sociedade melanésia, por exemplo. Em suas observações, Malinowski percebeu que muito mais do que fluxos desordenados, as emoções atuam dentro de um sistema complexo que estaria atrelado a lei ou ao costume, muito mais do que a uma necessidade biológica.

O estabelecimento de um sistema, de um conjunto de elementos interdependentes de modo a formar um todo organizado, é uma delas. “Todo tipo de relacionamento deve dispor

de certo número de atitudes emocionais que atendam certas finalidades sociológicas.” (MALINOWSKI, 1973, p. 193). A disposição e a estrutura social da família Melanésia, região do qual o antropólogo estuda e analisa, é segundo o mesmo um reflexo da dimensão cultural. Que molda comportamentos e insere padrões que determinam o agir humano. A dimensão social, bem como as relações tecidas entre indivíduos e grupos parece exigir uma dada atitude emocional que a ilustre.

Outro detalhe importante: não parece existir, na obra de Malinovski, a ideia de que as emoções são inatas e, portanto, as respostas a ela também o sejam. Em outras palavras, não existem padrões de comportamento que são seguidos como espécies de modelo que enquadram e tornem as relações humanas iguais. Pelo menos não a nível inato, como se certos conhecimentos, noções e até mesmo comportamentos estivessem presentes desde o nascimento. O problema é posto em outros termos: o comportamento social exige uma relação pessoal emotiva no qual as respostas devem ser educadas. A emoção é uma predisposição inata, mas não é universal, e a vida sociocultural possui em seus aspectos aquilo que passo a identificar como sendo uma capacidade plástica, que é precisamente a disposição de moldar e de adaptar. “A cultura depende diretamente do grau em que as emoções humanas podem ser educadas, ajustadas e organizadas em sistemas complexos e plásticos” (MALINOWSKI, 1973, p. 196).

A emoção enquanto representação visa fundamentar e movimentar ações, gestos e corpos em torno de uma experiência que é, sobretudo, social. A noção de corpo também é fundamental. Nas palavras de Marcel Mauss (1950) o corpo é o “primeiro e o mais natural instrumento do homem”, comportando, portanto, uma série de técnicas e atos que lhe são introduzidos seja pela educação, pela sociedade ou pelo papel que o homem ocupa nela. Cada gesto traduz elementos da cultura e do meio do qual o homem se insere. Advogo a necessidade de pensar em termos de uma comunicação, que “implica tanto a palavra quanto os movimentos do corpo e a utilização pelos autores tanto do espaço quanto do tempo” (LE BRETON, 2019, p. 48). Le Breton enfatiza essa noção ao afirmar que o corpo é um par homogêneo e dotado de sentido capaz de gerar vínculo social. O corpo/emoção é um elemento de comunidade social.

Contudo, não devemos ser ingênuos e acreditar que tal construção é harmônica. As emoções são zonas de conflito entre o indivíduo e a sociedade, entre o eu e o outro. Pensemos, por exemplo, nos frades menores. A hipótese que venho buscando construir ampara-se em como o grupo se organiza em torno das emoções e configuram a elas

determinados sentidos que estruturam não apenas a dinâmica das relações internas, mas que também projetam uma representação política atrelada aos ideais e concepções de como o mundo social deveria ser. No entanto, sabemos que a Ordem dos Frades Menores não é um todo singular, dotado de uma estruturação única. No momento em que a Ordem entrou em uma espiral de crescimento a partir dos anos que se seguem a morte de Francisco de Assis, é plausível supor, que o grupo formado anos antes no entorno de seu líder se tornou cada vez mais heterogêneo. Em um processo de abertura para o ingresso de novos membros oriundos de diferentes estamentos da sociedade, a Ordem se tornou mais complexa, pois a composição dos membros que adentram as fileiras da mesma é também mais plural. E aonde existe diversidade de ideias, de comportamentos e de ações, existem também atritos e, portanto, conflitos e divergências.

Advogo que as expressões formuladas pela Ordem nesse contexto refletem esta dinâmica e abrem possibilidades de construções de diferentes comunidades emocionais que atendam as expectativas e as necessidades de cada grupo de frades. Existe portanto, uma “capacidade micropolítica das emoções com potencial para dramatizar/alterar/reforçar a dimensão macrossocial em que as emoções são vivenciadas” (COELHO & REZENDE, 2011, p. 75). Em outras palavras, as emoções são, no interior da Ordem dos menores, um mecanismo complexo e que se associa ao ambiente social que o gesta, tal como formulou Malinowski.

Conforme nos indica Reddy (2000), as emoções devem ser vistas em profundidade histórica e política. As emoções, como afirma Robert Solomon (2015) são juízos sobre o mundo. Assim, a linguagem emocional não é apenas "sentimento", mas um veículo para as relações sociais e também um juízo sobre o mundo. O homem pode exercer a "navegação" das próprias emoções, para tentar definir um curso.

A emoção é parte inseparável do processo social. Ela tem sentido apenas quanto a dispomos em sociedade, enquanto uma construção que se refere a reações afetivas de variadas intensidades e durações. Em linhas gerais, a minha orientação teórica pode ser resumida nas palavras do historiador Gabriel Castanho: “a verbalização das emoções é tida como um ato, uma ação, uma prática que organiza as próprias emoções e as sociedades que as experimentam enquanto discursos subversivos ou normativos” (CASTANHO, 2019, p. 38). Ou seja, ao dispor as emoções enquanto um discurso retórico, a Ordem dos Frades Menores se organizou uma política que representou os ideais e os valores tidos como fundamentais.

Tendo definido a emoção enquanto conceito teórico para a minha análise, é preciso também conceituar o que é uma comunidade emocional. Comunidades emocionais, nas palavras de Rosenwein, são basicamente comunidades sociais – famílias, bairros, sindicatos, instituições acadêmicas, mosteiros, fábricas, pelotões, tribunais principescos e, acrescento, grupos religiosos. “Eu postulo a existência de ‘comunidades emocionais’: grupos em que as pessoas aderem às mesmas normas de expressão emocional e valorizam – ou desvalorizam – as mesmas emoções ou emoções relacionadas” (ROSENWEIN, 2006, p. 25).

Em suma, tais grupos são compostos por intrincadas redes e sistemas de sentimentos nas quais essas comunidades (e os indivíduos dentro delas) definem e avaliam como valioso ou prejudicial para eles (é desse modo que as pessoas expressam emoções); as emoções que eles valorizam, desvalorizam ou ignoraram; a natureza dos laços afetivos entre as pessoas que eles reconhecem; e os modos de expressão emocional que eles esperam, incentivam, toleram e deploram. É um grupo no qual os interesses, metas e valores são comuns a seus membros.

A esse respeito, Christophe Prochasson (2005) afirma que a emoção encontra seu equivalente no velho sentido da palavra paixão, que designa o conjunto de movimentos afetivos, mais ou menos estáveis, engendrados pelo choque de um estado individual com a análise de uma situação. Deste modo, chega-se a duas consequências importantes: as emoções não resultam de um encaminhamento puramente individual, mas se inscrevem em uma perspectiva social e cultural. Existe em uma comunidade emocional um forte papel social e comunicativo. Eles não são apenas socialmente construídos como – sustentam e endossam sistemas culturais –, nas palavras de Rosenwein, e também informam as relações humanas.

Mais do que uma comunidade emocional, acredito – no caso da Ordem dos Frades Menores – que é mais preciso falar em comunidades, no plural. O controle, a legitimação e a autorização do componente emocional se mostraram plurais dentro da Ordem. Ao longo das décadas de 1230 até os anos de 1260, os frades se organizaram em diferentes comunidades emocionais que expressaram diferentes formas e representações de suas políticas e de suas relações.

Exemplos contra o dinheiro: a ira e o medo como forma de correção.

Cada capítulo da hagiografia possui um exemplo de caráter edificante: a palavra está a serviço de uma causa que visa ser efetivada. As narrativas hagiográficas são escritas para durar. A memória sobre um santo deve encerrar a verdade dos fatos de sua vida terrena, bem

como o testemunho da eficácia de sua intervenção sobrenatural. O trecho analisado cumpre precisamente esse papel: um discurso construído de tal forma que se torna uma prova da autoridade de Francisco perante aos frades.

No capítulo XXXV intitulado *Dura correção do irmão que o tocou com as mãos*, Celano tece uma narrativa no qual Francisco é definido como aquele que com o “maior empenho tudo que é do mundo, execrava acima de tudo o dinheiro” (2008, p. 343). A sua imagem é ornada como daquele que vilipendiou de maneira especial e recomendou que fugissem do dinheiro como se foge do demônio. A partir desse preambulo, Celano no faz imaginar que certo dia, um secular entrou na Igreja de Santa Maria de Porciúncula para orar e como oferta depositou uma quantia em dinheiro no altar, junto à cruz. Em seguida, um frade, tomado pela simplicidade, atirou-o por uma janela. No entanto, “chega ao santo o que o irmão fizera; vendo-se ele apanhado em flagrante, corre ao perdão e, prostrado, apresenta-se ao castigo” (2008, p. 344). O santo, ou seja, Francisco, censura-o e o repreende-o asperamente com relação ao dinheiro tocado. Ordena-lhe “tomar o dinheiro da janela com a própria boca e depositá-lo sobre o esterco de burro fora da cerca do eremitério” (2008, p. 344). E enquanto cumpre a ordem dada, “o temor enche os corações de todos os que ouviram. Dai todos desprezam mais aquilo que deste modo é comparado ao esterco e se animam a cada com novos exemplos ao despreza dele.”.

O exemplo da hagiografia é revestido de um ideal: o dinheiro deve ser desprezado. É necessário “sentir as peças de dinheiro como pedras e não lhes dar importância maior do que a poeira” (2001, p. 199); “nunca receber dinheiro, por nenhuma razão” (FRUGONI, 2011, p. 68). Ele deve ser visto como algo menor. Sem valor e que avalia como algo menor e sem valor e que deve ser avaliado como um esterco. A esse respeito Veronica Aparecida em sua tese de doutoramento afirma que a “normativa franciscana tinha como princípio a pobreza e a renúncia aos bens materiais; os frades eram proibidos de lidar diretamente com dinheiro e propriedades” (AGUIAR, 2010, p. 65). Veronica é ainda mais enfática ao afirmar que o sentido mais profunda da pobreza franciscana era fixado numa “vida sem nada de próprio”, não receber dinheiro ou moedas estava claramente expresso na normativa. Jacques Le Goff em seu estudo clássico sobre a vida e a obra de Francisco de Assis, caracteriza-o como “um homem da doação total” (AGUIAR, 2010, p. 69), dotado com uma personalidade o faz recusar aquilo que o dinheiro permite obter no interior de uma economia monetária cada vez mais monetária. Em suma, o dinheiro cumpre um papel fundamental dentro da Ordem dos

Frades Menores, não constituindo um elemento central na dinâmica de sua espiritualidade, mas sim através da negação do mesmo.

A minha argumentação reside na ideia que o santo castiga, censurando e repreendendo o irmão que toca nas moedas depositadas no altar, junto a Cruz. O dinheiro é desprezado, porém, à medida que ele cumpre um papel, ou seja, de servir a doação, ele é tolerado. Ao tocar nas moedas, o frade, descumpra o mandamento de seu líder, e a repreensão ocorre de forma enérgica para corrigir o ato.

Ao retirar as moedas do altar, o frade incorre em um ataque ao *status* da Igreja simbolizada pela cruz, uma vez que a propriedade (bem material é lesado), e o santo agiu para resguardar o *status*, uma vez que a ação do frade configura uma transgressão de uma norma e fere a legitimidade (a doação) e o pertencimento.

A narrativa hagiográfica é clara: “enquanto aquele irmão cumpre a ordem, o temos enche o coração de todos os que ouviram”. O medo funciona como um elemento retórico e funciona como um dispositivo de controle e disciplina, funcionando com uma norma que internaliza nos corações dos ouvintes. “As normas não se dirigem à sociedade, mas são parte integrante da construção social” (SILVA, 2014, p. 26). Isso é ainda mais verdadeiro quando nos referimos ao período chamado de medieval e percebemos que as normas não são valores jurídicos em sentido estrito, mas, sobretudo, valores sociais. As normas são construções sociais – que podem ser veiculadas, por exemplo, em textos hagiográficos e não somente em tratados jurídicos - e não simplesmente instrumentos que constroem a realidade.

A imagem de Francisco é construída de tal forma que sua figura é revestida de um ideal pedagógico: o santo ensina e instruí na correta forma de se relacionar com a riqueza. O seu mandamento é claro: é necessário desprezar o dinheiro, simbolizado como moedas. Uma vez que a norma é rompida, Francisco é o elemento pedagógico, na narrativa, que atua tendo em vista o estabelecimento de um ensinamento educativo.

Em outro trecho, Celano nos faz imaginar a seguinte passagem: estando em um dia de pregação, chegou ao eremitério de Rieti um homem pobre e enfermo. Compadecido com o seu duplo sofrimento, a saber, a pobreza e a doença, rapidamente iniciou uma conversa com o companheiro. No entanto, o frade que o acompanhava, após ter passado o afeto inicial pela condição do visitante, disse: “Irmão, é verdade que ele é pobre, mas talvez em toda a província não haja mais rico pelo desejo” (2008, 356). Francisco imediatamente o repreendeu dizendo: “Vai depressa e despe-te de tua túnica e, lançando-te aos pés do pobre, proclama-te culpado!” (2008, p. 356). As palavras de Francisco são rapidamente obedecidas: “Quando vês

um pobre, ó irmão, é-te proposto o espelho do Senhor e de sua Mãe pobre. Considera igualmente nos enfermos as enfermidades que ele assumiu por nós” (2008, p. 356).

Francisco é apresentado como um personagem que encarna um ideal de autoridade e que agiu de forma a repreender a ação de seu companheiro que desqualifica a condição de pobreza do visitante. Não está explícito a ideia de que o Francisco hagiografado tenha agido dessa forma movido por algum estado emocional. No entanto, é plausível supor que o ato tenha sido motivado por um profundo sentimento de desagrado para com a ação de seu companheiro. Desagrado seguido de uma postura corporal e expressa em um tom de fala que pressupõe um momento de ira por meio do emprego de verbos que indiquem ação e que estão no imperativo, como “vai e despe-te”.

A pobreza é um dos eixos fundamentais no qual toda a espiritualidade franciscana se articulava: “A pobreza não permitiu apenas aos frades mesclarem-se com os pobres e falarem a eles com autoridade, mas, **ao despojá-los de toda a preocupação material**, deixou-os gozar, sem entraves, desses tesouros escondidos que a natureza reserva aos **verdadeiros idealistas**” (SABATIER, 2006, p. 184). Sabatier atribuiu aos frades minoritas uma conduta de distanciamento e desvinculação com a realidade econômica: o ato de se despojar de qualquer preocupação material os aproximou do verdadeiro sentido da experiência religiosa.

Acredito que o ato de repreender, encarna uma ideia de correção, tal como Deus age no Antigo Testamento, corrigindo as más ações, as faltas e os erros de suas criaturas. A hagiografia é o espaço privilegiado pelo qual essa ideia se instrumentaliza. As hagiografias são narrativas escritas tendo como destaque um único personagem: a vida e a obra de Francisco de Assis, de seu nascimento, a sua conversão, primeiras pregações, fundação do movimento e por fim, de sua morte. Não é a história da Ordem. É um instrumento a serviço da Ordem.

Em relação à vida de Francisco, todavia, tal recuperação adquiriria uma urgência e um significado totalmente específicos e particulares, na medida em que a Ordem, que da sua obra era o fruto mais visível, não podia deixar de continuar a se referir a ele como o próprio inspirador, como o santo que qualquer frade deveria mirar como o seu próprio modelo ideal (MICCOLI, 2015, p. 187-188)

Em outro exemplo, no capítulo XXXVI, *Castigo do irmão que uma vez recolheu dinheiro (do chão)*, Celano idealiza outra cena, não nos informando os nomes dos frades e nem tão pouco o local no qual a situação é descrita. Francisco não está presente e nem tão pouco é citado. A única referência ao santo está na passagem “desprezas o achado (a moeda)

como um esterco” que ressoa no capítulo IV da Regra Bulada, “*Que os irmãos não recebam dinheiro*”:

Ordeno firmemente a todos os irmãos que de modo algum recebam dinheiro ou moedas, nem por si por pessoa intermediária. No entanto, só os ministros e custódios exerçam diligente cuidado, através de amigos espirituais, para com as necessidades dos enfermos e para vestir os demais irmãos de acordo com os lugares, tempos e regiões frias, como virem que seja conveniente À necessidade; salvo sempre que, como foi dito, não recebam moedas ou dinheiro (2008, p. 160).

Através de sua pena, é composto o seguinte quadro imaginativo: certo dia, dois irmãos andando juntos se aproximam de um hospital de leprosos. No caminho acham uma moeda e discutem o que deveriam fazer com o achado. Um deles zomba da consciência do companheiro (que afirma que deve-se desprezar o achado como um esterco e parar de agir por falsa piedade) enquanto afirma que deve-se doar o dinheiro aos leprosos. Com o coração endurecido e desprezando a regra, inclina-se e apanha a moeda. Segundo a narrativa, este frade, sofre um julgamento divino, perdendo imediatamente a fala e a vingança ensina o soberbo a obedecer às regras do pai. Apenas quando, o mesmo atira a moeda fora e lava a boca com as águas do arrependimento, os lábios se soltam em louvor.

Na cena descrita, a ira divina atua como uma espécie de punição. A “vingança ensina o soberbo a obedecer às leis do pai”. O discurso hagiográfico se assenta sob uma figura de autoridade. Deus não fala, mas ele funciona como o “porta voz” de uma mensagem clara: aqueles que desobedecem ao mandamento serão castigados. O discurso hagiográfico busca representar uma “verdade”, que se reveste de uma justiça divina. A face enfurecida de Deus eclode uma sentença que se abate sobre um frade que rompe a norma estabelecida. O intuito está, portanto, em convencer e instaurar atitudes e normas de comportamento.

O conteúdo da vingança é proporcional à infração. Ela difere da ação original apenas na sequência temporal e no fato de que é uma resposta. A fonte da vingança é a ira e ela não é um elemento destrutivo: ao contrário, ela constrói e mantém equilíbrios de poder que projetam a Ordem como um à comunidade emocional que rege as pulsões emocionais dos frades frente a aspectos da vida social. A ira enquanto emoção é o poder executivo da justiça, atuando na correção de erros ou faltas demais construtivo para que pudesse ser negado.

Portanto, Francisco é o modelo pelo qual a Ordem constrói um espaço de poder claro: a autoridade que Francisco encarna é expressada pelos próprios minoritas. São os frades que orquestram os sentimentos, regem os corpos estabelecem formas de comunicação pelo afeto. A emoção mobiliza em torno de um ideal caro aos frades: a negação dos bens e da riqueza.

Conclusão

Acredito que o universo das emoções compõe um quadro ainda a ser explorado. Os historiadores devem estar atento para como esse conceito pode ser usado, respeitando a tensão dialética entre a documentação e a realidade estudada, para estudar as formas de interação e de sociabilidade entre os grupos, bem como das formas de poder que emergem a partir das dinâmicas de afeto.

A ira de Francisco atua como reordenador, na narrativa de um equilíbrio rompido. A atitude violenta não é irracional. Pelo contrário, ela age precisamente no momento em que a norma é rompida para restabelecer o curso natural. O medo sentido pela comunidade de fiéis, é uma emoção que estabelece a hierarquia e o poder da autoridade ali investida. Funciona como um sinal de obediência frente a um castigo maior que possa ocorrer.

A Ordem dos Frades menores se organizou como uma comunidade emocional tendo as diferentes hagiografias escritas no decorrer do século XIII como eixos fundamentais que mobilizariam frades em torno de referências comuns. Nos exemplos citados, a pobreza, que é expressa através da recusa do dinheiro, é ideal elevado e que configura-se como algo que não apenas deve ser buscado e valorizado, mas também que necessita ser protegido. Francisco é quem adverte, mas é a Ordem dos Frades Menores, que através de seu líder e que solicita a escrita da hagiografia que defende o ideal. Portanto, a emoção é um conceito que reflete um instrumento político. Um instrumento que serve a uma causa.

Referências

Fontes medievais impressas

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Apres. Sergio M. Dal Moro, trad. de Celso Márcio Teixeira. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 343.

Livros temáticos e historiográficos.

AGUIAR, Verónica Aparecida. *A construção da norma no movimento Franciscano: Regulae e Testamentum nas práticas jurídicas mendicantes*. São Paulo: USP (dissertação mestrado), 2010.

BORBOLLA, Ángeles García de la. “*La leyenda hagiográfica medieval: ¿una especial biografía?*” In: *Memoria y civilización*. Navarra: Universidad de Navarra, 2002.

CASTANHO, Gabriel. “*A construção de uma comunidade sensível: corpo, afeto e emoção nos escritos de Guigo I (Grande Cartuxa, 1109-1136)*”. *Pasado Abierto* 9 (2019).

CELINE-ISAÏA, Marie. *Normes et Hagiographie dans l' Occident latin (VI-XVI siècle)*. In: *Etudes sur la Sainteté em Occident*. Actes du colloque international de Lyon. Brepolis: 2010.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008,

- _____. *História e psicanálise: entre a ciência e a ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- COELHO, Maria Claudia & REZENDE, Claudia Barcellos. *Cultura e sentimentos. Ensaio em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011.
- DELEHAYE, Hippolyte. *The legends of the saints: an introduction to Hagiography*. Milton Keynes: General Books, 2011.
- FRUGONI, Chiara. *A vida de um homem: Francisco de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HEAD, Thomas. "Hagiography". In: *On-line reference book for Medieval Studies*. Disponível em: <http://www.the-orb.net/encyclp/religion/hagiography/hagio.htm>. Acesso em 12 de Dezembro de 2020.
- HEFFERNAN, Thomas J. *Sacred biography: saints and their biographers in the Middle Age*. New York, Oxford University Press, 1988.
- MAERKI, Thiago. *Hagiografia e literatura: um estudo da Legenda Maior Sancti Francisci, de Boaventura de Bagnoregio*. 2013. 198 páginas. (Dissertação em História). Universidade de Campinas, 2013.
- LE BRETON, David. *Antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- LE GOFF, J. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- MALINOWSKI, B. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MAROTO, Daniel de Pablo. *Espiritualidad della Baja Edad Media: siglos XIII-XV*. Madri: Editorial de Espiritualidad, 2000.
- MASSAUD, Moisés. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MAUSS, M. *Les techniques du corps in Sociologie et Anthropologie*. PUF, Paris, 1950.
- MICCOLI, Giovanni. *Francisco: o santo de Assis na origem dos movimentos franciscanos*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- PROCHASSON, C. *Emoções e política: primeiras aproximações*. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34: p.305-324, Julho 2005.
- RAPP, Claudia. "For next to God, you are salvation: reflections on the rise of holy man in late antiquity". In: HOWARD-JOHNSTON, James (Edit.); HAYWARD, Paul A. (Edit.). *The cult of saints in Late Antiquity and the Early Middle Ages: Essays on the Contribution of Peter Brown*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 63-81.
- REDDY, William M. *Sentimentalism and Its Erasure: The Role of Emotions in the Era of the French Revolution*, The Journal of Modern History, 72, march 2000.
- RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
- ROSENWEIN, B. *Emotional Communities in the Early Middle Ages*. Ithaca: Cornell Univ. Pr., 2006.
- SILVA, Marcelo Cândido. *Uma história do roubo na Idade Média: bens, normas e construção social no mundo franco*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.
- SABATIER, Paul. *Vida de São Francisco de Assis*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: Instituto Francisco de Antropologia, 2006.
- SOLOMON, R. *Fiéis às nossas emoções: o que elas realmente nos dizem; tradução de Miriam Gabaglia de Pontes Medeiros*. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Recebido em: 11 de novembro de 2020.

Aprovado em: 10 de fevereiro de 2021.